



## **Jornais de Bacharéis da Escola do Recife como espaço de sociabilidade no Século 19: A Produção de Martins Júnior<sup>1</sup>**

Paula Lima XAVIER<sup>2</sup>

Marina Leal de Carvalho Rocha<sup>3</sup>

Vera Borges de SÁ<sup>4</sup>

Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

**Resumo:** Objetiva compreender como os periódicos de bacharéis do século XIX, contribuíram como espaços de sociabilidade para difundir ideias da Escola do Recife, movimento intelectual fundado por Tobias Barreto, na Faculdade de Direito do Recife. Toma como objeto de estudo a produção jornalística de Martins Júnior, um dos membros da segunda geração dessa Escola. Teoricamente referencia-se nos conceitos de ‘sociabilidade’ em Simmel; de ‘intelectual’ em Sirinelli e o de ‘correntes intelectuais’ em Karl Mannheim. Metodologicamente foi elaborado um perfil da produção jornalística de Martins Júnior e uma análise do periódico político Revista do Norte, 1887, fundado pelo mesmo bacharel.

**Palavras-chave:** Escola do Recife; Martins Júnior; produção jornalística; sociabilidade.

### **1. Introdução**

A Escola do Recife foi um movimento intelectual iniciado por Tobias Barreto na Faculdade de Direito do Recife, ainda quando estudante pelos idos de 1868, que se caracteriza pelo abandono do positivismo e por uma adesão ao haeckelismo, também conhecida como filosofia monista. Ou seja, aquela que defende a unidade da natureza orgânica e inorgânica apoiando-se numa interpretação da ciência da natureza com espiritualidade (algo não católico).

O surgimento da Escola se dá com a publicação de artigos que proclamam o espiritualismo e combatem a subordinação da filosofia à teologia, bem como se posiciona contra uma ciência de Deus. São princípios desse movimento intelectual os artigos de Tobias Barreto: “Guizot e a escola espiritualista do século XIX” (março de 1868); “A

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no IJ-8 – Estudos Interdisciplinares em Comunicação do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste-Natal-RN-2 a 4/7/2015. O tema do artigo aqui apresentado sobre o jornalismo de bacharéis da Escola do Recife do século XIX, faz parte da pesquisa da Profa. Dra. Vera Borges de Sá, intitulada “Tobias Barreto e a Escola do Recife: dos Rompimentos com o paradigma sociojurídico às sociabilidades dos bacharéis do século XIX”. Essa pesquisa conta com a participação de bolsistas de graduação dos cursos de Direito e Jornalismo.

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica, PIBIC. Estudante de graduação do 4º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, email: [paulaxf@yahoo.com](mailto:paulaxf@yahoo.com)

<sup>3</sup> Bolsista de Iniciação Científica, PIBIC. Estudante de Graduação do 4º Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco, email: [marinaleal.23@gmail.com](mailto:marinaleal.23@gmail.com)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Dra. Em História e Mestre em Sociologia. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP, email: [verab63@gmail.com](mailto:verab63@gmail.com)



Propósito de uma teoria de São Tomás de Aquino”(abril, 1868); e Teologia e Teodicéia não são ciências (junho de 1868).

Para Antônio Paim (1981, p. 5), o primeiro artigo mostra o quanto Tobias Barreto é rebelde em relação ao meio e à própria escola de que se diz adepto. Os dois últimos artigos colocam Tobias Barreto como acadêmico polemista, marcando sua liderança intelectual na faculdade que se generalizará pelo país.

Foi Sílvio Romero quem deu o nome de Escola do Recife ao grupo influenciado pelas abordagens de Tobias. A Escola teria durado pelo menos sessenta anos, contando dos anos sessenta do século XIX, chegando até a segunda década do século XX, quando morre Sílvio Romero. As fases da Escola do Recife, segundo Antônio Paim (1981, p. 75) foram três: a) a primeira inicia-se no final dos anos 60 do século XIX e vai até 1875; b) a segunda de 1875 a 1885; e c) a terceira, considerada o apogeu do grupo, corresponde de meados de 1885 a 1914. Os participantes da Escola foram muitos, entre os quais como adeptos mais diretos das ideias tobiáticas estão: Artur Orlando, Gumersindo Bessa, Martins Júnior, Fausto Cardoso, Phaelante da Câmara, Graça Aranha, Adelino Filho, etc

A Escola do Recife foi um movimento intelectual produtor de ideias que difundiram orientação metodológica inspirada em teorias evolucionistas de caráter alemão, espiritualista e com matiz sociológica pouco positivista. O conteúdo foi uma ampla abordagem literária, científica e histórico-culturalista, cuja produção se materializou em inúmeras publicações do século XIX, principalmente, através de artigos de jornais e revistas organizados em Pernambuco, e também em outros locais do país.

O produto intelectual desses periódicos era o mais eclético possível: poesia científica, filosofia, estudos literários, estudos do direito, arte dramática, música, etc. Estudiosos da Escola do Recife (PAIM,1981; SALDANHA,1985; BARRETO, 1988; CHACON,1969; FERREIRA, 1954; DELGADO, 1970), já levantaram o que produziram jornalisticamente esses integrantes, mas sua produção discursivo-jornalística, reveladora do movimento das ideias e de suas articulações em periódicos locais, continua a merecer intensiva investigação.

Para Jean-François Sirinelli (2003, p. 248), o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um pequeno mundo estreito, onde os laços se atam em espaços que consolidam convivência e troca de ideias. Segundo esse autor, a redação de uma revista ou do conselho editorial de uma editora, por exemplo, pode revelar como se estabelecem as ligações entre os intelectuais que se estruturariam nessas “redes” de



convivência. Espécie de grupos que servem para retroalimentação e consolidação de suas ideias.

As redes de sociabilidades dos intelectuais constituídas através da formação de revistas, estão estruturadas por duas formas elementares. Tais aspectos possibilitam identificar o perfil do grupo intelectual que a faz. A primeira é a força de coesão de seus integrantes. A segunda, são as ideias que expressam defender.

Segundo Sirinelli, as revistas primeiramente revelam as forças antagônicas de adesão que a compõem – pelas amizades que as subtendem, fidelidades que arrebanham, e influência que exercem -. Também expressam as posições de exclusão - posições tomadas, debates suscitados, cisões advindas.

As revistas são produtos intelectuais importantes porque se constituem como espécie de “observatório de primeiro plano da sociabilidade de microcosmos intelectuais”, assim como lugar precioso para análise do movimento das ideias. A revista é um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade.

Simmel (2006) estruturou o conceito de sociabilidade definindo que para haver esta forma mais elaborada de interação social, seria necessário que interesses e necessidades individuais se relacionassem em função de um sentimento e por uma satisfação mútua das pessoas estarem socializadas. Para haver sociabilidade é necessário que as pessoas se sintam unidas, tanto por interesses específicos quanto por um prazer de estarem juntas. O fenômeno da sociabilidade pressupõe uma autonomia dos sujeitos para se “sociarem”, algo que os liberte do simples fato da obrigação de estarem em proximidade. (SIMMEL, 2006, p. 64).

Resta saber qual o impacto dessa mentalidade intelectual jornalística para o século XIX, no Brasil. Para responder essa questão, é apropriado referir-se ao estudo de Karl Mannheim<sup>5</sup>, sobre as correntes intelectuais de uma época, em sua obra “Ideologia e utopia”. O autor esclarece que a diferença de uma mentalidade utópica conservadora para uma mentalidade utópica liberal-humanitária, é que a primeira não detém nenhuma utopia. Em termos ideais a mentalidade conservadora acha-se, por sua própria estrutura, completamente em harmonia com a realidade sobre a qual, por ora, mantém domínio. Despreocupa-se em teorizar sobre as condições concretas em que os seres humanos vivem, desde que esses homens estejam devidamente ajustados. Compreende o ambiente

---

<sup>5</sup> MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. 4 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. P. 253



como fruto de relações naturais, as quais não é necessário fazer alteração alguma. Já a mentalidade liberal-humanitária, caracteriza-se por uma aceitação positiva da cultura e pela atribuição de uma tonalidade ética aos assuntos humanos, porém origina-se do conflito com a ordem existente<sup>6</sup>.

Concretamente, a Escola do Recife significou a ruptura de uma mentalidade utópica conservadora para uma mentalidade utópica liberal-humanitária, posição defendida veementemente nos escritos de seus adeptos.

## 2. Martins Júnior, um adepto da Escola do Recife

José Izidoro Martins Júnior foi um jornalista, advogado, escritor, professor e jurista brasileiro, nascido na cidade do Recife em 24 de novembro de 1860, e falecido em 22 de janeiro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro, aos 43 anos. Filho de José Isidoro Martins e Francisca Martins, foi também um dos fundadores e patrono da Academia Pernambucana de Letras. Iniciou os estudos em Direito, na Faculdade de Direito do Recife, no ano de 1879, obtendo o título de bacharel em novembro de 1883.

Dentre os intelectuais que influenciaram a vida intelectual de Martins Júnior, estavam Littré, Stuart Mill, Haeckel, Comte, Prud'hoome e François Coppée. Já na academia, firmava seu espírito literário como cientificista, filosófico como litreista, político como republicano; e no direito com as correntes alemães, italianas e francesas.

Após receber o título de bacharel, Isidoro Martins iniciou a vida trabalhando na advocacia e no magistério, lecionando as disciplinas de Francês e História Natural na Escola Propagadora da Boa Vista. Em 1887, casou-se com Elisa Martins, e precisando aumentar os ganhos financeiros, prestou concurso para professor substituto na Faculdade de Direito do Recife em 1887 com a tese *“Ha crime na offensa a memoria dos mortos?”*. Obteve o segundo lugar, ficando atrás do Dr. Adolpho Cirne que ficou nomeado no cargo. Prestou novamente o mesmo concurso em maio de 1888, dessa vez com a tese *“Pode-se admitir uma dupla intuição romântica e germânica na luta do jurídico ou do processo? No caso afirmativo, quaes os caracteres de um e outro?”* Obteve primeiro lugar, mas devido às suas posições republicanas<sup>7</sup> não pôde ser nomeado, ficando o Dr. Escorel com o cargo. Ainda tentou uma última vez em agosto do mesmo ano, com a tese *“O Conceito*

---

<sup>6</sup> Op. cit. p. 244

<sup>7</sup> No jornal O Álbum, Anno 1 – Nº 10, março de 1893, p.1 A.A anota: “Tendo-se submettido a vários concursos para o lugar de lente da Faculdade de Direito do Recife, e conquistando a melhor classificação, ao ponto de n'um d'elles ser o único classificado, nunca poude, durante o domínio monarchico, merecer o prêmio de seus esforços com uma cadeira de lente.”



*de aequitas foi sempre o mesmo o mesmo nos diferentes periodos da historia do Direito Romano?*”, foi o único classificado, porém o resultado do concurso foi remetido para o Rio de Janeiro e não foi chamado para o cargo.

Inconformado com os resultados, Martins Júnior decidiu não prestar mais concurso algum, e lançou-se na imprensa e na campanha republicana pelo país. Foi somente em 1889, com a Proclamação da República, que Martins Júnior começou a colher os frutos de sua luta, a exemplo de sua nomeação como professor da Faculdade de Direito do Recife em 30 de novembro de 1889.

José Izidoro tinha um espírito irreverente e de ruptura assim como Tobias Barreto. Foi o primeiro a desenvolver e difundir a ideia da poesia científica no Brasil, buscando romper com os vestígios da escola romântica ainda vigente no país. Marcia Sabino em sua dissertação de mestrado sobre Augusto dos Anjos e a poesia científica, faz menção ao fato de Martins Júnior já ter sido considerado vanguardista da estética na literatura brasileira, em se tratando do precursor da poesia científica. Sobre isso afirma:

“Delmo Montenegro (2004) afirma que a obra *A Poesia Científica*, de Martins Júnior pode ser considerada ‘o primeiro manifesto de uma ‘poesia de vanguarda’ – de concepção cosmopolita – a ser praticada em solo brasileiro’, pois ‘indo de influência de Victor Hugo e Baudelaire, Martins Júnior incorpora traços da poesia socialista-revolucionária de Lefevre, Berthezene, Stupuy, Mme Arckemann e Sully Prudhomme, junto com os preceitos filosóficos científicos de Auguste Comte, Haeckel, e Darwin’. De acordo com Gilberto Mendonça Teles (1978), a literatura de vanguarda no sentido restrito, só passou a existir em 1909, data do primeiro manifesto futurista publicado em Paris; porém toda tentativa radical de ruptura estética é literatura de vanguarda, no sentido lato. Neste sentido, a poesia científica pode ser considerada um movimento de vanguarda, visto que pretendia romper com a estética romântica já em declínio e refletir as mais modernas ideias da época”<sup>8</sup>

Nos últimos anos de sua vida mudou-se para o Rio de Janeiro, forçado pela traição de antigos amigos, arranjando trabalho como Secretário do Governo do Estado do Rio, na época do então presidente Quintino Bocaiúva. Morreu em 22 de agosto de 1904.

### 3. Metodologia da pesquisa

Os periódicos aqui classificados são apenas aqueles dirigidos por Martins Júnior ou por outros amigos bacharéis, nos quais Martins teve participação como redator ou

---

<sup>8</sup> SABINO, Marcia Peters. Augusto dos Anjos e a poesia científica. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juíz de Fora, área de concentração Teoria da Literatura, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Estudos Literários. Orientadora: Prof. Dra. Teresinha Vânia Zimbrão da Silva.



colaborador. Frequentemente esses periódicos tiveram vida efêmera, porém representam a demanda de assuntos considerados importantes nas discussões dos bacharéis do século 19.

A produção jornalística de Martins Júnior inicialmente foi investigada a partir de um levantamento quantitativo que realizamos, respeitando a História da Imprensa de Pernambuco de Luiz do Nascimento<sup>9</sup>. O levantamento dos volumes dessa obra resultou na ordenação de mais de 50 periódicos que catalogamos num quadro criado exclusivamente para a pesquisa. O quadro classifica: a) periodicidade de publicação, se semanal, quinzenal ou mensal; b) os temas dominantes dos periódicos: se literatura, política ciência ou arte dramática; c) o vínculo de participação do jornalista bacharel com o periódico, ou seja, se foi diretor, editor ou colaborador; e d) o formato do periódico, se jornal ou revista.

Aqui apresentamos o texto do periódico Revista da Norte (1887) em que Martins Júnior dirigiu e foi redator. A Revista do Norte era de propriedade do próprio Martins Júnior, junto com Arthur Orlando, Pardal Mallet e Adelino Filho, cuja tipografia ficava localizada na Rua do Imperador, n.º 51, 1.º andar (ao lado do caes)<sup>10</sup>.

#### **4. Martins Júnior e sua produção jornalística**

Isidoro Martins Júnior trabalhou em importantes jornais do Recife no século 19, como Correio da Noite (1879) e Jornal do Recife (1891), além de colaborar em diversos outros como Revista das Artes (1885), A arte Dramática (1884), Jornal da Tarde (1875) e Recife Ilustrado (1888). Foi fundador dos jornais republicanos Folha do Norte (1883), A República – Órgão do Centro Republicano de Pernambuco (1887) e Revista do Norte (1889) essa última junto a Artur Orlando, Pardal Malet e Adelino de Luna Freire.

Sua veia jornalística, no entanto, acompanhava-o desde a juventude, a notar pela fundação do jornalzinho mensal “O Progresso – órgão literário, satírico e joco-sério” (1875), na época com apenas 15 anos. Ainda nos anos 1871 e 1875, Martins Júnior já publicava “quase menino”<sup>11</sup> textos em prosa e versos no periódico A América Ilustrada (1871).

---

<sup>9</sup> NASCIMENTO, Luiz. História da Imprensa Pernambucana. Vol. 05 (1970) e vol. 06 (1972).

<sup>10</sup> Revista do Norte. Anno 1, n.º1. Recife, 10 de janeiro de 1887. p.1

<sup>11</sup> NASCIMENTO, Luiz. Três mestres de direito no batente. Recife: Imprensa oficial, 1996. p. 50.



No ano de 1878, escreveu algumas publicações para o jornal A Província, a maioria em formato de artigos e poesias, uma delas sendo declamada pelo autor no Teatro Santa Isabel.

Em 1879, produziu para o jornal Correio da Noite (1879), escrevendo sobre literatura, críticas teatrais e editoriais atacando o regime monárquico e defendendo o republicanismo. O jornal sobreviveu até outubro do referido ano, ingressando então o jornalista no periódico A Opinião (1862), produzindo editoriais políticos e outros diversos, além de crônicas teatrais e produções para folhetins, mas em 1880 o jornal terminou sua existência.

No ano posterior, colaborou em jornais como Romeiro das Letras (1880) e Pernambuco a Camões (1880), este último uma publicação única criada em homenagem tricentenário do escritor português Camões. Ainda no mesmo ano, fundou junto de Clóvis Beviláqua e Clodoaldo de Freitas o jornal A Ideia Nova (1880), um periódico se propunha a discutir sobre temas políticos, literários e os costumes da época.

Seguiu seu trabalho em 1881, colaborando nos jornais A Lyra (1881), O Democrata (1880) e O Binóculo (1881) e novamente no America Illustrada, Esteve também na direção e redação do jornal O Escalpello (1881), junto de Clóvis Beviláqua, periódico de apenas três edições. Ainda apareceu no jornal A República – Centro do Clube Republicano Acadêmico (1881), tornando-se redator no segundo ano de vida do periódico, junto de José Carlos Júnior, Pereira Simões, Tomaz Gomes e, novamente, Clóvis Beviláqua.

No ano de 1882, teve colaboração publicada nos jornais A Cythara (1882), Eusébio de Queiroz (1882), A Estação Lyrica (1882), Stereographo (1882), Gazeta de Notícias (1882) e Almanak Litterario Pernambucano (1882).

Em abril de 1883, Martins Júnior iniciava a publicação do jornal Folha Do Norte (1883), dividindo propriedade com Francisco Campelo, e sob orientação de Faelante da Câmara. O jornal tinha nitidamente posições político-abolicionistas<sup>12</sup>, o que levou, em 1884, a posicionar-se contra o jornal O Tempo, que insistia sobre a manutenção da escravatura nas suas publicações. Ainda em 1883, participou como colaborador nos jornais Libertador (1883) e Trinta de Setembro (1883), publicação em formato de poliantéia<sup>13</sup> sobre a libertação dos escravos de Mossoró, Rio Grande do Norte.

---

<sup>12</sup> NASCIMENTO, Luiz do. Imprensa oficial, 1996. Recife. p.54

<sup>13</sup> Poliantéia era o nome dos jornais que se prestavam a homenagens a personalidades, e geralmente não passava de uma edição.





No ano de 1884, colaborou no periódico abolicionista O Ceará Livre (1884). Na terceira e última edição, Martins Júnior publicou uma dura crítica à indenização recebida pelos senhores de engenho ao perderem seus escravos.

“E hoje no Brasil, depois de 1822, depois de 1831, depois de 1850, depois de 1871; porque o negro reclama em nome de todo seu trabalho de dois séculos, em nome dos seus martyrios, em nome dos seus avós mortos sobre as moedas ou sob o bagaço da fruta saccharina – que lhe imponham a obrigação de trabalhar até a morte, com o direito, porém de receber pelo seu esforço; - gritam os brancos, os senhores, os mesmos que o expoliaram até agora:- Vales 1:000\$000, bruto. Indemnisa-me, portanto! Miseraveis!”<sup>14</sup>

Esteve também na colaboração dos jornais Vinte e Cinco de Março (1884), Arte Dramática (1884) e Jornal do Recife (1884), cujos artigos neste último defenderam a candidatura de Joaquim Nabuco para deputação geral, com propósito de apoio à abolição da escravatura.

Em 1885, esteve como colaborador no Jornal da Tarde (1885) Revista das Artes (1885) e na polianteia Victor Hugo (1885) dedicada à memória do escritor francês.

Em 1886, apareceu novamente na Revista das Artes (1885) e na seção literária do Jornal do Recife (1886).

Em 1887, Martins Júnior criou o periódico A República – Órgão do Centro Republicano de Pernambuco (1887), cuja direção do jornal estava nas mãos do referido órgão, formado por a) Presidência por Martins Júnior, b) Secretário por Argermiro Alves Arôxa, c) Tesouraria por Antonio Martiniano Veras e d) Conselho por Antonio Gonsalves Meira de Vasconcelos e Antonio Pinto Pessoa. A publicação não trazia apenas propaganda republicana, também se prestava a noticiar os fatos do Partido Republicano Brasileiro e as conquistas do “espírito democrático”<sup>15</sup>. Também 1887 fundou a Revista do Norte (1887), dividindo a propriedade e redação com Artur Orlando, Pardal Mallet e Adelino Filho. Ainda colaborou nos periódicos A Alvorada (1887), O Recife (1887) e na poliantéia A Esmola (1887).

Em 1888, colaborou na seção literária do Gazeta de Notícias (1888), nos periódicos Academia (1888) e Victoria (1888) e A Exposição (1887), Homens e Letras (1888) e, novamente, no Jornal do Recife (1888).

---

<sup>14</sup> O Ceará livre. Club Ceará Livre. Pernambuco, 28 de setembro de 1884. 3ª edição. p.2

<sup>15</sup> Três mestres de direito no batente de jornal. Luiz do Nascimento. Imprensa oficial. Recife, 1996. p.55





No ano de 1889, fundou o jornal O Norte (1889), em companhia de Maciel Pinheiro, periódico que tratava de assuntos republicanas, e com críticas às oligarquias partidárias de Pernambuco. A publicação rendeu a Martins Júnior ameaças de mortes e destruição da tipografia, por causa da cobertura realizada por Martins Júnior sobre chegada e atividades de propagandista republicano Silva Jardim no Recife.

Em 1890, prestou colaboração à Polianteia Nove de Novembro (1890), publicação editada pelo Centro Republicano Frei Caneca. Também participou como colaborador da revista crítica e literária A Semana (1890).

Em 1891, tornou-se redator-chefe do Jornal do Recife (1886), escrevendo inicialmente artigos políticos, até começar uma discussão com os jornais O Diário de Pernambuco (1825), Estado de Pernambuco (1890), A Província (1891) e com o diretor deste último José Maria de Albuquerque Melo. Também colaborou em mais uma Revista do Norte (1891), esta outra sob direção de Machados Dias, Geraldo Dias e Osvaldo Machado.

Em 1892, Martins Júnior assumiu a orientação do jornal Gazeta de Tarde (1888), após o periódico ficar sob a direção do Centro Republicano de Pernambuco, cuja presidência pertencia ao jornalista. Iniciou então o periódico uma série de publicações criticando a administração do governo de Barbosa Lima, que custaram aos redatores do jornal ameaças, agressões e acusações de empastelamento da tipografia.

Em 1893, colaborou na revista literária O Equador (1893). Nos anos que se seguiram, Martins Júnior começou a diminuir suas produções na imprensa. Em 1896, colaborou na Poliantheia (1896) em homenagem a Floriano Peixoto. Em 1899, escreveu no Almanach de Pernambuco (1899), periódico com direção do professor Julio Pires Ferreira. Em 1901, tem fim a Gazeta de Notícias e também a produção do bacharel na imprensa. No ano de 1902, ainda escreveu sobre literatura na Revista da Academia Pernambucana de Letras,

Sobre sua atuação como intelectual, Luiz do Nascimento afirma que Martins Júnior foi dedicado jornalista afeito a república: *“político e poeta ao mesmo tempo, tornou-se um dos homens mais notáveis de sua época, principalmente como jurista e jornalista, ‘batente’ a que se devotou, de corpo e alma, na campanha pela republicanização do Brasil.”*<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> NASCIMENTO, Luiz do. Três mestres de direito no batente de jornal. Recife: Imprensa oficial, 1996. p.49



Apesar de sua atuação na imprensa ter se notabilizado por seus escritos sobre política, é bom realçar a importante contribuição que Martins Júnior trouxe, através da imprensa no século 19, para a difusão da poesia científica no Brasil. Esse tipo de poesia veiculada pela imprensa, cujo precursor foi Martins Júnior, rompeu com os últimos vestígios da poesia romântica no Brasil. Sobre o assunto, em 1893 a edição de No. 10, do jornal O Álbum publicava: “Martins Júnior foi o primeiro no Norte, e quiça no Brasil, que, já em folhetos, já em artigos pela imprensa, levantou a ideia do cientificismo na poesia”<sup>17</sup>.

Abaixo apresentamos o quadro classificatório da produção de Martins Júnior, criado especialmente durante esta pesquisa para conferir em quais jornais e revistas participou.

PERIÓDICOS	FORMATO			TEMÁTICA				VÍNCULO		
	Jor	Revi	Outro	Lit	Teat	Pol	Ciën	Dir	Red	Col
A ESMOLA	x			x						x
A ALVORADA		x		x		x				x
A ERA NOVA	x			x		x				x
ANTI-REBATE	x			x		x				x
A REPÚBLICA		x		x		x		x	x	
A EXPOSIÇÃO	x			x		x		x		x
HOMENS E LETTRAS	x			x						x
A ACADEMIA			x	x			x			x
VICTORIA			x			x				x
RECIFE ILLUSTRADO	x			x		x				x
A SEMANA	x			x		x	x			x
NOVE DE NOVEMBRO			x			x				x
REVISTA DO NORTE		x		x		x				x
REVISTA ACAD. DA FAC. DIR. DO REC		x					x		x	
O CARTAZ	x					x				x
O EQUADOR	x			x			x			x
REVISTA CONTEMPORÂNEA		x		x		x				x
POLYANTHEIA			x	x						x
ALMANACH DE PERNAMBUCO		x								

<sup>17</sup> O Álbum. Anno 1 – N.10, 1893. p.73



PERIÓDICOS	FORMATO		TEMÁTICA				VÍNCULO		
	Jor	Revi	Lit	Teat	Pol	Ciën	Dir	Red	Col
O PROGRESSO	x		x			x		x	
A AMERICA ILLUSTRADA	x		x		x				x
O ENCOURAÇADO	x		x		x				x
O DIABO A QUATRO		x	x		x	x			x
O ROMEIRO DAS LETTRAS	x		x			x			x
O DEMOCRATA	x		x		x				x
A IDEIA NOVA	x		x		x	x			x
PERNAMBUCO A CAMOES	x		x						x
O ESCALPELO	x		x		x		x	x	
A REPUBLICA – CENTRO REPUB.									
A REPUBLICA – C.R. ACADÊMICO	x		x		x			x	x
A LYRA	x		x	x					x
O BINÓCULO	x		x		x	x			x
A ESTAÇÃO LYRICA	x		x	x					x
AO MAESTRO CARLOS GOMES	x		x						x
A CYTHARA	x			x					x
STEREOGRAPHO	x				x			x	
EUSEBIO DE QUEIROZ	x				x				x
24 DE FEVEREIRO – 1834/1883	x		x						x
LIBERTADOR	x				x				x
TRINTA DE SETEMBRO	x				x				x
A ARTE DRAMÁTICA	x			x					x
VINTE E CINCO DE MARÇO	x				x				x
O CEARÁ LIVRE	x				x				x
REVISTA DAS ARTES		x	x	x					x
VICTOR HUGO			x						x
O FEDERAL LIBERATIVO	x		x		x				x
REVISTA DO NORTE	x		x		x		x	x	
Total									

## 5. Martins Júnior e sua participação na Revista do Norte (1887)

### Revista do Norte (1887)

O periódico Revista do Norte foi fundado por Martins Júnior e outros três amigos a 10 de janeiro de 1887. A história da imprensa de Pernambuco, escrita por Luiz do Nascimento<sup>18</sup>, afirma que sua publicação ocorreu em 10 de Janeiro de 1887, formato de 29x21, a três colunas de composição, com oito paginas. Impressa em bom papel, na Tipografia Industrial, a rua do Imperador n° 14, instalou escritório e redação a mesma rua, n° 51, 1° andar. Tinha como proprietários e redatores Martins Junior, Artur Orlando, Adelino Filho e Pardal Mallet. Saía trimestralmente e assinava-se por três mil réis (3\$000), essa trimestralidade. O artigo-programa, intitulado "Definição", assim se apresentava: *"A Revista nao tern exclusivismos scientificos; nao reconhece solidariedade de redação; deixa a cada um a mais completa liberdade de pensamento; so admite artigos assinados e aceita as colaborações que lhe parecerem vantajosas"*<sup>19</sup>

<sup>18</sup> NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa pernambucana*. Vol. 6. Recife: Editora Universitária, 1972.

<sup>19</sup>. Op. cit. p.224



Ao iniciar o artigo “Mundo político – falsificadores de ideias”<sup>20</sup>, José Izidoro se propõe a desmentir o pensamento pró-monarquia vigente na época e difundido pelos intelectuais que estavam a favor desse tipo de governo, bem como pelos próprios monarquistas. A monarquia foi um dos temas que Martins Júnior combateu, ao defender o republicanismo pela imprensa. Considerava este, como o sistema político ideal para o jornalista. Pondo-se em favor da população, e pretendendo desmascarar as ideias monarquistas propostas à mesma, Izidoro Martins travou mais uma luta de ideias, contra políticos conservadores nos escritos da Revista do Norte:

“Os doutores da Monarchia, os theoristas do systema de governo que felizmente nos rege, têm, as vezes veleidades scientificas, umas certas audácias pretenciosas, que é preciso combater a bem do pensamento moderno. (...) E assim, não é raro ouvir-se actualmente, da boca de um monarchista qualquer, palavras filosoficamente serenas á significarem uma espécie de bençãam, ou pelo menos uma condescendente absolivação lançada pela Intelligencia moderna sobre o systema de governo que erige a pessoa irresponsáael em entidade política meramente reinante ou decorativa... Não faltam para isso argumentos sophisticos e grandes raciocinios apparatusos, recheiados de larga tecnologia científica... Ora como esses argumentos e raciocinios podem illuidir uns certos espíritos ingênuos, desses que se deixam levar por palavras; e como dessa illusão pode resultar, ou a crença na inocuidade da monarchia constitucional ou descredito das novas intuições scientifico-philosoficas; eu entendo que devo apontar o meu fusil de propagandista contra esse batalha de sophisicadores, que ahí andam a baralhar todas as idéas e a torcer todos os bons princípios. E’ com este desígnio que travo agora da penna.”<sup>21</sup>

No texto, Martins Júnior pautou uma crítica ao conservadorismo dos filósofos e publicistas lilipulitanos constitucionais que, segundo o bacharel, emperravam a discussão progressista no campo da política brasileira.

“(esses intelectuais citados) Não se contentam com o asserto de que tal ou qual paiz – o Brazil, por exemplo – não está preparado para receber um regimen político estrem de pêssoa sagrada de calções curtos e de papos tucanos; vão mais aidante. Affirmam que isso de forma republicana ou monarchica, no organismo governamental das nações, é cousa de importância mínima, de alcance secundario – uma tolice, quasi.”<sup>22</sup>

No mesmo artigo, indiretamente Martins Júnior considera o sistema escravocata da época como uma questão um problema de trabalho. E considera que a emancipação dos trabalhadores não aconteceu entre nós, porque os escravos serão os proletários Futuros. Eis o que afirma:

“Entre nós, o problema social, ou da emancipação do proletariado, ainda não se formulou, porque a massa dos futuros proletários é representada ainda hoje pelos

<sup>20</sup> Revista do Norte, Anno I – Nº 5. Recife, 20 de agosto de 1887. Rua do Imperador, n.77 1º andar.

<sup>21</sup> Op. Cit. p.1

<sup>22</sup> Op. Cit. p.1



escravos. E si se quizer considerar a questão dos escravos como a nossa questão do trabalho, então eu tenho o direito de dizer que a reforma capital, para nós brasileiros, é a política, porque, neste paiz, é a Monarchia que tem dado vida á Escravidão e impede o seu acabamento.”<sup>23</sup>

Referindo-se aos problemas políticos da Europa naquele século, Martins Júnior aponta o sistema republicano como saída para as crises sociais e trabalhistas que o mundo enfrentava:

“Quanto a velha sociedade européa, parece effectivamente á primeira vista, que a questão política é secundária, em face do problema da miséria e dos progressos da Internacional... Mas, antes de tudo eu pergunto: O que é que tem impedido a Inglaterra de libertar a Irlanda e de melhorar a condição dos seus proletarios? E’ ou não o jogo das instituições política, o mecanismo governamental, todo fundado sobre aquella olygarchia dourada, a que preside a rainha Victoria?... Quem é que tem impedido a Alemanha de satisfazer as reclamações e necessidades dos operarios entregues á exploração dos capitalists? E’ ou não a acção política de Bismarck, subornado ao preconceito militarista do Imperio...? E pergunto ainda mais: - Qual destas três nações – A França, a Allemanha e a Inglaterra – tem mais probabilidades de resolver satisfactoriamente a questão do trabalho? E’ ou não a França, com suas instituições republicanas e o seu ideal democratico?”<sup>24</sup>

Continua Martins Júnior sua argumentação, colocando uma luz nas falhas raciocínios dos intelectuais monarquistas que, segundo o jornalista, queriam escapar de seus deveres perante o povo, numa demonstração pública de “cretinismo” político. O pensamento do jornalista revela traços de positivismo, linha científica pela qual o bacharel guardava certa afeição:

“Desenganam-se os políticos sophistas: As questões sociaes dependerão sempre da natureza e da organização dos poderes políticos. As leis reguladoras do problema do trabalho não hão de ser feitas, no velho mundo, pelas associações operarias, nem no Brasil, pelos escravos. Ellas terão de sahir do dos parlamentos e dos governos, e os governos não costumam suicidar seu amor pelo futuro. Assim, si são precisas reformas liberaes na economia interna de uma sociedade, principie-se por liberalisar o aparelho governativo que as tem de produzir... O contrario sera uma prova de cretinismo.

Não procede contra o meu argumento a consideração scientifica de que a sociedade civil tem leis phisiologicas proprias que não podem ser annulladas pelos governos. E’ isso verdade; mas essas leis do corpo social não independem de sua organização política, do mesmo modo que no domínio da biologia pura, os phenomenos de assimilação e desassimilação não são independentes do funcionamento geral dos centros nervoso. Si os governos não podem annullar as leis constitucionais das sociedades, podem, entretando, entorpercel-as ou ajudalas em sua effectividade, e isto basta para que lles sejam os responsáveis quer pela atrophia quer pela hypertrophia dos órgãos nacionaes. Sem a liberdade política não, no tempo e no espaço, expansão possível para as energias individuaes que formam o complexo das actividades sociaes na industria, nas artes e

---

<sup>23</sup> Op. Cit. p.1

<sup>24</sup> Op cit. p.1



nas letras”<sup>25</sup>

Continuava Martins Júnior a combater as mentiras contadas em favor da manutenção de uma sistema de governo como a Monarquia, assim firmando também sua contribuição para a consolidação da república no Brasil:

“Não imaginam elles – esses pseudo-philosophos da Monarchia – que os republicanos estudiosos e serios podem feril-os com as mesmas armas, levando-lhes uma extraordinária vantagem. E’ assim que nenhum delles se lembra de que a celebre theoria naturalística dos órgãos rudimentares, - assentada por Darwin e desenvolvida por Hackael – pode ser brilhantemente applicada á Monarchia Constitucional Representativa, para o fim de considerar-se o Poder Moderador, por exemplo, como um órgão atrophiado no processus de evolução das formas de governo, e como tal, um orgao muito bom para... ser deitado fóra.

Não se percebem dissos os taes grandes homens. Mas eu é que não posso perder a occasião de dizer lhes daqui:

- Si o Imperador do Brazil e o poder que está encarnado nelle não devem ser considerados de hoje em diante, senão como órgãos rudimentares do nosso organismo político – órgãos que por falta de exercicio se atrophiam e que actualmente são semelhantes aos olhos das toupeiras, ás azas dos casoar, ou ao osso *cocyx* da extremidade da nossa espinha dorsal, - é o caso de declarar que a Monarchia só tem uma utilidade a de dar-nos rei, principes, fallas do throno, etc... mediante a quantia de mil e quinhentos contos por anno.

Faço ponto aqui; mas é possível que volte ainda ao assumpto para estudar um outro grupo de falsificadores de ideias.”

O texto apresentado ilustra o incostentável conhecimento de Martins Júnior diante de temas político-sociais, assuntos que o jornalista escrevia com muito afinco nas páginas dos jornais. O reconhecimento dos acadêmicos que lhe prestavam admirações, como é possível perceber no artigo escrito por Arthur Azevedo (A.A)

“Todos os seus coestadanos, até mesmo os seus adversários conscienciosos, se habituaram, desde os tempos acadêmicos, a votar-lhe o maior respeito, *sympathia* e admiração pela sua inteíresa de character, talento invejável, abnegação e firmesa de princípios — o que constitue uma tradição em torno de seu nome, tornando-se coisas dogmáticas e proverbias. Taes sentimentos acabam de ter eloqüente prova no dia 21 de novembro ultimo, data de seu anniversario natalicio, em que elle foi objecto da mais estrondosa manifestação popular que se pôde fazer a um homem político”<sup>26</sup>

## 6. Considerações Finais

O estudo sobre Martins Júnior, um adepto da escola do Recife, revela que foi colaborador/agente ativo na transição do Brasil Império para o Brasil República, através de seu ofício jornalístico.

<sup>25</sup> Op cit. p. 2

<sup>26</sup> O Álbum. Anno 1 – N.10, 1893. p.74





As ideias defendidas por Izidiro Martins Júnior mostram sua característica de vanguardista/revolucionária no pensamento predominante na sociedade do final do século 19, e a dedicação a que se pôs em produzir e colaborar em aproximadamente 50 periódicos. Isso revela um certo senso de dever inerente ao singular bacharel em formar uma opinião crítica na sociedade, característica que revela o espírito de jornalista.

Os vários atritos que cultivou como jornalista ao longo de sua carreira, além das dificuldades que viveu durante a monarquia no Brasil, revelam seu espírito progressista e ideias utópicas do liberalismo-humanitário definido por Mannheim.

Quanto à sociabilidade que teria construído ao longo de sua vida, foi de fato com a publicação de artigos em revistas e jornais, ora fundados por ele ora por seus companheiros que pode defender os princípios republicanos nos quais acreditou a vida inteira. Os jornais serviram-lhe de instrumento para romper com o presente inaceitável da monarquia. Mais que um compromisso político, Martins Júnior representou, com sua produção intelectual jornalística, a criação de uma nova utopia por ter se colocado firmemente contra o opositor: o sistema monárquico escravocrata.

### Referências bibliográficas

- GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a formação da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.
- MANNHEIM, Karl. *Sociologia do conhecimento*, I. Porto Portugal: Editora Rés, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia do conhecimento*, II. Porto Portugal: Editora Rés, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Ideologia e Utopia*. 4ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- MARTINS JÚNIOR, José Isidoro. *História do Direito Nacional*. Brasília: Ministério da Justiça, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Compêndio da História Geral do Direito*. Pernambuco: Ramiro M. Costa & C Editores, 1898.
- \_\_\_\_\_. *A poesia científica – esboço de um livro futuro*. Recife, Imprensa Industrial, 1883, 83 p. 2ª Ed. Com Prefácio de França Pereira, Recife, Imprensa Industrial, 1884, 67 p.
- \_\_\_\_\_. *Vigílias literárias – em colaboração com Clóvis Beviláqua*. Recife: Tipografia Industrial, 1880.
- NASCIMENTO, Luis do. *Três mestres do Direito no “batente” do jornal: Tobias Barreto, Martins Junior, Clovis Beviláqua*. Recife: Imprensa Oficial, 1966.
- PAIM, Antônio. *A Filosofia da Escola do Recife*. 2 ed. São Paulo: Editora Convívio, 1981.
- SALDANHA, Nelson. *A Escola do Recife*. 2 ed. São Paulo: Convivo; (Brasília): INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (Org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: editora FGV, 2003.
- SIMMELE, Georg. A sociabilidade. In: \_\_\_\_\_. *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.